

ENEM

Ciências Humanas e suas tecnologias: preparatório para o ENEM

Elton John da Silva Santiago: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) – Instituto Federal Goiano (IFG); elton.john@ifgoiano.edu.br

Ricardo Takayuki Tadokoro: Docente Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Instituto Federal Goiano (IFG)

João Doulgras Eratóstenes Cardoso: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) - Instituto Federal Goiano (IFG)

Acadêmica de Licenciatura em Química: Grazielle Fernanda Bailona

Considerações Iniciais

A pandemia causada pela Covid-19 trouxe novos desafios para as instituições de ensino. A utilização de novas ferramentas de comunicação e informação na mediação didática,

como forma de minimizar os danos no processo de ensino-aprendizagem, produziu novas dinâmicas na relação professor-aluno e na relação aluno-escola, provocando uma exclusão acentuada de alunos das camadas

populares, com claro recorte de raça e classe. Nesse sentido, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal Goiano, Campus Ceres, refletindo sobre esta temática, formulou e executou o projeto de extensão “Ciências Humanas e suas Tecnologias: preparatório para o ENEM”, que teve como objetivo oferecer outros canais, para além dos que atualmente estão previstos formalmente no calendário escolar das redes de ensino, como forma de atenuar os impactos causados pela pandemia no campo da educação na região em que o campus está inserido.

Nacional do Ensino Médio (ENEM). Desse modo, o projeto tem como finalidade servir como ferramenta adicional e complementar, não substituindo, portanto, a oferta de meios formais já existentes nestas redes. Pela concepção política, ética e pedagógica que rege o funcionamento do NEABI e que é compartilhada pelos membros que o compõem, o projeto tem como finalidade, ainda, oferecer recursos que possibilitem um maior entendimento sobre os dilemas e desafios do mundo contemporâneo em toda sua complexidade e diversidade. Assim, este projeto de extensão buscou romper as barreiras do senso comum e os muros e

cercas — físicas e simbólicas — de nossa instituição, de modo a converter-se em ponto de encontro de reflexão crítica, de contestação e de formação política e cidadã.

Fundamentação Teórica

A extensão, quando entendida como uma ferramenta para conectar mundos, reduzir a distância entre as instituições públicas de ensino e as camadas populares e articular ensino e pesquisa, superando, assim, a visão elitista que norteou a história da criação das universidades no Brasil, pode se tornar ferramenta fundamental para a análise e busca de

soluções para os verdadeiros problemas da maioria da sociedade. Para além disso, esse compromisso social adotado pelas Universidades e Institutos Federais através da extensão, fruto de lutas históricas no campo da educação na América Latina, que tem como marco importante o *Manifesto*



Figura 1 – Divulgação do projeto e abertura de inscrições

Fonte: Ricardo Takayuki

O projeto teve como finalidade atender alunos internos e externos, bem como, a comunidade em geral, sobretudo alunos e ex-alunos das redes públicas de ensino que encontram-se em preparação para o Exame

de Córdoba¹, nos permite explorar todas as potencialidades que residem na base de sustentação dos institutos e universidades brasileiras: *ensino-pesquisa-extensão*.

Reinaldo Matias Fleuri (2005, p.11) diz que “os significados configurados pelas relações pedagógicas e pela produção científica se mostram paradoxais, porque são produzidos e atravessados por múltiplas relações, múltiplas dimensões e múltiplos movimentos sociais”. Portanto, a articulação destas três dimensões — ensino, pesquisa e extensão — não se dá de forma isolada, é necessário partir da premissa de que no processo educativo ocorrem atravessamentos políticos, sociais e econômicos, para além do acúmulo histórico. A partir disso é que se pode transformar estas instituições em *locus* permanente de reflexões críticas e, com isso, fazer valer seu compromisso institucional, devolvendo à sociedade, através da extensão, o que é desenvolvido internamente no âmbito do ensino e da pesquisa.

Para a formulação e execução do projeto supracitado, adotamos aqui a conceituação de “extensão” formulada no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, que serviu de base para o reconhecimento constitucional em 1988 do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Este mesmo conceito foi utilizado na elaboração do Plano Nacional de Extensão (1999/2001), que deu origem posteriormente à Política Nacional de Extensão (2012).

1. Documento da Federação Universitária de Córdoba (FUC), de 1918, que marcou o início do movimento pela Reforma Universitária em Córdoba, na Argentina. Este movimento buscava romper com o modelo de educação herdado do período colonial, com forte influência da Igreja e da Europa, e, com isso, impulsionar um movimento de profunda transformação na estrutura universitária existente até então. Essa reforma, pautada pela forte ação do movimento estudantil argentino e apoiada por sindicatos, políticos de esquerda e intelectuais, estimulou o movimento por reformas universitárias e o crescimento e organização do movimento estudantil em vários países da América Latina, como no Brasil, que teve na criação da UNE, vinte anos depois, seu marco. Uma das principais pautas do movimento era a discussão sobre a função e compromisso social da universidade, sendo a democracia universitária e a extensão elementos primordiais.

Segundo a Carta deste Encontro, que marcou também a criação do Fórum que hoje se intitula Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex), a Extensão universitária:

é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmicos e populares, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 2001, p.5).

Dessa forma, se entendemos a extensão como a materialização da práxis do conhecimento acadêmico, ou seja, a “relação bidirecional entre a universidade e a sociedade” (CAMPOS e BENINCÁ, 2017, p.150), passamos então a outras questões igualmente importantes que nortearam todo o processo de elaboração e execução do projeto: como ocorre esse processo de aproximação e contato entre esses dois polos de produção de conhecimento, de epistemologias diferentes e aparentemente distantes? Qual é o caminho que os saberes produzidos academicamente devem percorrer para se transformarem em saberes capazes de atingir os objetivos inicialmente propostos? A reflexão sobre estas questões constitui etapa importante do processo de ensino-aprendizagem, motivo pelo qual adotamos aqui o conceito de “transposição didática” (VERRET, 1975; CHEVALLARD, 1991) para entender o conjunto de ações que

transformam o “saber sábio” — saber produzido por cientistas e intelectuais dedicados a produzir conhecimento científico, geralmente no mundo acadêmico — em “saber ensinável”, ou seja, o saber compartilhado dentro de sala de aula, seja no espaço físico, formal e institucional, seja nos novos espaços produzidos pelo aumento do uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo. Segundo Yves Chevallard (1991, p.45):

Um conteúdo de saber que foi designado como saber a ensinar, sofre a partir de então um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O “trabalho” que transforma um objeto de saber a ensinar em um objeto de ensino é denominado Transposição Didática. (Tradução nossa. Grifos do autor).

Desenvolvimento do projeto e resultados

O projeto começou a ser pensado no final do primeiro semestre de 2020, quando os membros do NEABI-Campus Ceres, ao observar o processo de exclusão causado pela pandemia e pela ineficiência do Estado e dos órgãos institucionais na oferta de medidas adequadas no campo da educação, aprofundaram as reflexões sobre possíveis ações no campo do ensino, da pesquisa

e da extensão que pudessem enfrentar o quadro observado. Em agosto, a partir dessa constatação e com a abertura do edital de extensão do IF Goiano nº 12 de 14 de agosto de 2020, finalizamos a elaboração do projeto e decidimos submetê-lo à seleção, sob a coordenação geral do servidor técnico-administrativo, historiador e membro do NEABI, Elton John da Silva Santiago. Após a análise, o projeto foi então aprovado e executado entre setembro e dezembro do mesmo ano, e contou ainda com dois bolsistas remunerados. Para a sua divulgação, utilizamos o Instagram do NEABI, além das redes sociais de seus membros, site institucional e contato por telefone e e-mail com as escolas da região do Vale do São Patrício e de cidades próximas.

As inscrições foram realizadas através da ferramenta Google Forms e o contato com os alunos inscritos através de grupo de Whatsapp criado para este fim, de modo a tornar a comunicação mais dinâmica. Durante o projeto, contamos com setenta e quatro extensionistas inscritos, de vinte e quatro cidades do estado de Goiás, além de alunos de outros estados, como Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina e Paraná, que se interessaram pelo projeto e participaram do curso. A abrangência geográfica demonstra a potencialidade do projeto e da extensão.

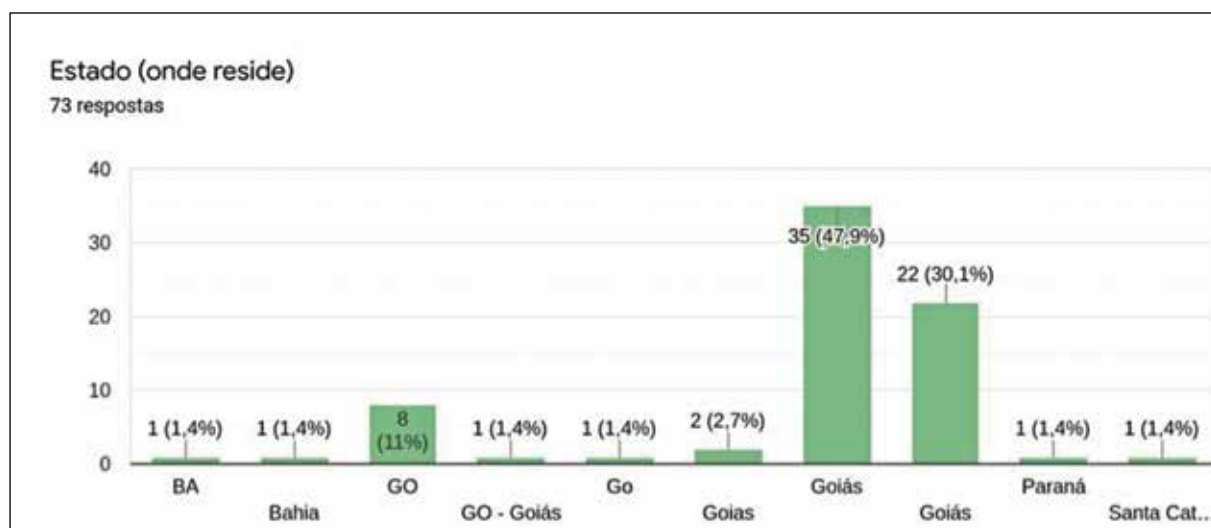


Figura 2 – Gráfico com origem geográfica dos alunos inscritos

Fonte: NEABI IF Goiano - Campus Ceres.

O curso foi dividido em sete temas: Meio Ambiente: política ambiental no Brasil; Tecnologia: tecnopolíticas de vigilância e tecn-resistências; Geopolítica: nova hegemonia asiática e protagonismo chinês; Movimentos Sociais: black lives matter, movimento antifa, movimento feminista, movimentos por acesso à terra e à moradia urbana; Educação e impactos da EAD: exclusão social e seus recortes de raça e classe, desmonte da educação pública e desumanização das relações; Fascismo e Comunismo: os conceitos e a caracterização das ideologias políticas, experiências históricas e expressões contemporâneas; Direitos Humanos - construção histórica da noção ocidental de cidadania e suas limitações: *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789), *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) e legislação contemporânea de garantia aos direitos humanos no Brasil.

A escolha dos temas teve como objetivo articular as necessidades do processo de transmissão do conhecimento com uma reflexão crítica sobre e para além dos conteúdos abordados. Assim, buscamos aproximar o conhecimento científico à realidade social dos alunos, considerando todo o capital cultural que estes trazem para o centro dessa relação. Desse modo, os saberes transpostos e produzidos a partir dessa interação, podem adquirir relevância para os alunos e serem reconhecidos como socialmente importantes, algo que Chevallard (1991) chama de “atualidade moral” dos conhecimentos.

Para a condução das aulas contamos com professores, externos e internos, das diferentes áreas que compõem as ciências humanas. Até o quinto tema, estes professores gravaram

previamente suas aulas, que foram disponibilizadas pelos coordenadores do projeto aos alunos inscritos através do Google Drive, e realizaram ainda encontros síncronos, através do Google Meet, para a resolução de questões e aprofundamento das discussões levantadas nas aulas. Estes encontros síncronos tiveram como objetivo, ainda, estabelecer um contato direto, mais dinâmico e mais vivo com os alunos. Para os dois últimos temas — *Facismo e Comunismo e Direitos Humanos* —, a partir dos resultados obtidos nas respostas aos formulários avaliativos, percebeu-se uma necessidade de adaptação do formato, de modo que as duas últimas

aulas não foram gravadas, mas, realizadas ao vivo em encontro síncrono único, em formato de exposição dos temas e discussão aberta.



Figura 3 – Gravação da aula referente ao tema Tecnologia, ministrada pelo professor Ricardo Takayuki

Fonte: NEABI IF Goiano - Campus Ceres.



Figura 4 – Aula referente ao tema Direitos Humanos, realizada pelo coordenador geral do projeto Elton John
Fonte: NEABI IF Goiano - Campus Ceres.

O curso passou por um processo de avaliação contínua, realizada pela equipe executora junto aos alunos inscritos, ao final de cada tema. Para viabilizar a análise e o desenvolvimento do projeto, aplicamos questionários avaliativos com perguntas que nos permitiram avaliar a relevância dos temas para a preparação para o ENEM e para um maior conhecimento sobre o mundo, o formato e as ferramentas utilizadas para as aulas e os horários de realização dos encontros síncronos. Isto nos possibilitou fazer as devidas adaptações e correções no decorrer do curso, como a mudança nos horários dos encontros síncronos, priorizando o período noturno, e a unificação de aulas e encontros ao vivo nos dois últimos temas.

Considerações Finais

Podemos concluir que durante a realização do curso, houve significativo envolvimento e

interesse dos alunos pelos temas abordados, o que possibilitou o alcance e a superação dos objetivos pedagógicos inicialmente propostos. Embora não tenha havido uma regularidade quanto ao cronograma e a participação tenha sido flutuante, com momentos de alta e baixa participação, fruto da natureza de um projeto de extensão e das condições que a pandemia nos impõe no tocante às inconstâncias e limitações no uso das tecnologias da informação da comunicação, verificamos que houve procura, acesso às aulas gravadas e participação nos encontros síncronos, com retorno positivo dos alunos que se mantiveram até o final do curso. Nesse sentido, concordamos com Silvio Paulo Botomé (1996) quando diz que o ensino e a pesquisa, quando trabalhados com a extensão permitem a produção de um conhecimento contextualizado, coletivo, construído a partir da realidade concreta, de forma dialética e dialógica. ◀

Referências

- ABOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis/RJ: Vozes; São Carlos-SP: EDUFSCAR; Caxias do Sul - RS: EDUCS, 1996.
- CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica: Del saber sabio al saber enseñado**. Traduzida por Claudia Gilman. Editora Aique: Buenos Aires. 1991.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade. **Educação Brasileira**, v.27., n.54., p. 11-67, 2005.
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Plano de Trabalho 2001/2002 – Principais Metas e Ações. Vitória/ES. Maio de 2001.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- VERRET, Michel. *Le temps des études*. Paris: Honoré Champion, 1975.